

MICHAEL SHRIEVE INTERVIEW

Coffee Time News proudly presents our in-depth interview with the incredible Michael Shrieve. Mr. Shrieve was so generous with his time that this interview will be in two parts. What you have before you is the first part which will only be available on our website. The second part will come out in print at the end of October 2023. Constança Pereira, Maria Calado, Javier Rodriguez and Yuri Sundermeyer asked numerous questions about all aspects of Mr. Shrieve's life and career and he answered openly providing insights which all our readers who are music fans will love. In this part, you will learn about Mr. Shrieve's favorite songs, concerts and bandmates, along with a comprehensive answer about the talented Shawn Smith, who Mr. Shrieve had the fortune to know personally and created music with. Mr. Shrieve also details his own projects and future plans. Throughout the interview we have included photos and music samples for your pleasure. Mr. Shrieve touched the young hearts of our student-journalists who have become fans of a musician whose work deserves our full attention. Thank you Mr. Shrieve for all your time and kindness and thank you to the Coffee Time News readers who will enjoy and share this interview.

1. Javier Rodriguez: I have read a lot about the 1970s and it seems like an incredible time. How would you describe that decade to someone who didn't live through it?

Michael Shrieve: Well, it was an incredible time, because there was so much going on and when you get older and look back on it, you realize how extraordinary it was. For instance, I have a group of friends that are roughly my age and as you can see, I'm no longer twenty years old. We grew up in the Bay Area and these are drummers... well known drummers, one of them played in a band called Tower of Power, another in Sly and the Family Stone, another with Herbie Hancock and another with Miles Davis and another in Return to Forever with Chick Corea. These are all good drummers. We talk a lot about what was happening in the San Francisco Bay Area at that time, which was where I was based... in San Francisco and of course that's where the Hippie Movement started and you know there was a big thing about LSD going on and music changed a lot. I mean that was also the era of The Beatles and the Beatles kind of started everything and the Rolling Stone and so, so many bands started happening and so I grew up in this environment in this San Francisco Bay area where there were all these groups and you could go see them. There was the Grateful Dead and Jefferson Airplane and so it was that kind of time. But for myself, it was always about the music. It wasn't about hippie this or hippie that and I was pretty serious. I lived in the Haight-Ashbury for a while and that's an area of San Francisco where this hippie thing was, but I wanted to make sure I focused on the music and so I had when I practiced the drums, I had a little mantra and I would say it, "I'm not a hippie... not a hippie... not a hippie. I'm not a hippie...not a hippie... not a hippie," just to remind myself, not that I needed reminding. It was a big thing in the press and everybody was reading about flower power, but when you got up close to it, it was pretty funky and grungy, you know? It was pretty nasty, because there were a lot of kids who left home. They were living on the street and in a lot of ways there was a seedy side of it, you know? A side that was not so beautiful. That's important to realize about those times. And then of course there were the other times with the music and everything. It was really great. It was a great period for me.

Javier Rodriguez:

Michael Shrieve: Bem, foi um tempo incrível, porque havia muita coisa a acontecer, quando ficamos mais velhos e olhamos para trás, tu percebes quanto extraordinário foi. Por exemplo, eu tenho um grupo de amigos que têm mais ou menos a mesma idade que eu. Como podes ver já não tenho vinte anos, mas nós vivemos na área do São Francisco, estes são bateristas bem conhecidos, um deles tocou numa banda chamada Tower of Power, outro tocou com Sly and the Family Stone, outro com Herbie Hancock, outro com Miles Davis e outro com Return to Forever com Chick Corea. Estes são todos bons bateristas, nós falamos muito sobre o que se estava a passar em São Francisco, naquela época, pois foi onde eu me baseei, e claro, for onde o movimento Hippie começou, e foi uma grande coisa sobre LSD, e a musica mudou bastante. Foi também onde começou a era “The Beatles” e os Beatles tipo começaram tudo e os Rolling Stones e assim, tantas bandas começaram a acontecer então eu cresci nesse ambiente nesta área da Baía de S. Francisco, onde havia todos esses grupos e tu podias vê-los. Havia o Grateful Dead e o Jefferson Airplane e então foii esse tipo de tempo. Mas para mim, sempre foi sobre música. Não era sobre hippies isto ou aquilo e na altura eu foi bastante serio. Vivi no Haight-Ashbury por um tempo e essa é uma área de S. Francisco onde isso dos *hippies* estava. Mas queria ter a certeza de que eu estava concentrado na música e então eu tinha essa certeza quando tocava bateria, eu tinha um pequeno mantra eu diria, “Eu não sou um hippie... não um hippie. Eu não sou um hippie... não um hippie... não um hippie,” só para me lembrar, não que eu precisa-se de me lembrar. Foi uma grande coisa que a imprensa promoveu e todos estavam a ler sobre *flower power*, mas quando te aproximavas disso, foi bastante malcheiroso e miserável, tu sabes? Foi bastante nojento, porque houveram muitos jovens a deixar os seus lares. Moravam na rua e em muitas maneiras existiu um lado com mau aspeto do *flower power*, tu sabes? Um lado que não era tão bom. É importante perceber acerca destes tempos. E então, claro, houve outras vezes da música e tudo mais. Foi realmente um ótima período para mim.

2. Javier Rodriguez: How has your view of music changed as you have aged?

Michael Shrieve: Well, it’s interesting, I think about this often, because one of the great joys of growing up with music is finding new music, you know? So, I always would love that and I still love that now... I still love finding new music whereas a lot of people my age... they don’t look for new music and it must be the same for you guys, because when you’re growing up now, you’re going to think this is the best music of my life and you’ll remember it because you’ll remember the good times and stuff like that. For a lot of people, as they grow older that’s the music of their life, you know? People who grew up in the 80s had all the 80s bands and one-hit wonders and everything ... Duran Duran and bands like that. That’s their music forever. I see these bands touring now, like The Cure and Duran Duran. These are all bands that used to be for young people, but the people that go there still love them just as much, but they’re older. So, anyway I feel that in some way I’m always looking for new music. I’m always creating new music. I don’t go off of what other people expect of me. I learned that a long time ago, when everybody would just ask about Woodstock. Nobody would ask me about anything else I ever did in my life. So, I got used to this and at some point I just had to make my mind up and say, “Be grateful that they like something and just go ahead and do what you want to do musically.”

Javier Rodriguez: Como tem sido a sua visão nas mudanças de música à medida que foi envelhecendo?

Michael Shrieve: Bem, é interessante, eu penso em relação a isso com frequência, porque um dos maiores prazeres de crescer com música é encontrar música nova, compreendes? Então, eu sempre adorei e ainda adoro isto agora... eu ainda adoro de encontrar música nova enquanto pessoas da minha idade não o fazem ... eles não procuram música nova e isso deve ser igual para vocês, porque quando tu estas a crescer agora, tu vais pensar que essa música que tu estás a ouvir agora será sempre o melhor de todos e tu vais sentir saudades ao ouvir essa música porque tu vais recordar os bons momentos e coisas assim. Para a maioria das pessoas, enquanto eles envelhecem é a música de vida deles, compreendes? Pessoas que cresceram nos anos 80 tinham gosto por grupos de essa época e *one-hit wonders* e tudo ... Duran Duran e grupos assim. Esse será a música deles para sempre. Vejo estes grupos em tour agora, com The Cure e Duran Duran. Estes eram grupos de gente jovem, mas essas pessoas continuam a amá-lo da mesma maneira do que antes, mas eles são mais velhos. Então, de qualquer maneira eu sinto que de alguma forma, eu sempre estou a procura de música nova. Sempre estou a criar música nova. E não me importo pelo o que outras pessoas esperam de mim. Eu aprendi isso há muito tempo, quando toda a gente só perguntava me sobre Woodstock. Ninguém perguntou de alguma coisa diferente que eu fiz na minha vida. Então, eu acostumei-me a isso até a um ponto onde eu simplesmente pensei e disse, "Ser grato com o que pessoas gostam e só vai em frente e faz o que tu queres fazer musicalmente."

3. Maria Calado: As a fan, what was the best show you ever saw and which musician do you respect the most from the perspective of being a music fan?

Michael Shrieve: Well, I'll never forget a concert by the Mahavishnu Orchestra, which is an instrumental group based off a guitar player named John McLaughlin, because they also had a drummer named Billy Cobham and they were the sort of group technically that all the musicians in the place... this was in Winterland in San Francisco in the 70s, and all the musicians jaws dropped to the floor because it was so astounding musically, you know? So, then of course Miles Davis... I've always been a big fan of him and his drummer at the time, Tony Williams, so whenever I could see Tony Williams, that would be very exciting for me too. There's nothing like those musicians. That was a very good time for jazz as well as rock music and Miles Davis was a good one, because he wanted to be a part of that scene, so he changed his music, which a lot of jazz people were really upset about it ... they told him he sold out, but he didn't, he was just moving his music in a different direction.

Maria, what instrument do you play?

Maria Calado: I play the flute.

Michael Shrieve: I'm doing a record with a guy who plays the flute and saxophone right now. And I'm using a percussionist that I found on Instagram and he lives in Germany and so it's really interesting that you can find these different musicians ... and I've never met them, but he posts percussion that he plays every day and it's just beautiful stuff, so I've had him on. I'm working on two records now and they're both very important to me, so I'm putting a bunch of percussion on them as well.

Maria Calado: Como um fã, qual foi o melhor concerto ao vivo que assistiu e que músico mais respeita na perspectiva de um fã?

Michael Shrieve: Bem, eu nunca me vou esquecer do concerto de Mahavishnu Orchestra, que é um grupo de instrumentos baseado no guitarrista chamado John McLaughlin, porque eles também tinham um baterista chamado Billy Cobham e eles foram tecnicamente o tipo de banda que deixaram todos os outros músicos no local de queixo caído porque foi musicalmente maravilhoso, percebes? Também, claro Miles Davis... eu sempre fui um grande adepto dele e o seu baterista naquela altura, então quando eu pudesse ir assistir o Tony Williams seria entusiasmante para mim também, não existe músicos iguais a estes. Aquela foi uma boa época para música jazz e também rock e Miles Davis foi um bom músico porque ele queria fazer parte daquilo, então ele mudou a sua música que muitas pessoas do jazz ficaram realmente chateados. Ele chamaram-no *sellout*, mas ele não era, ele apenas quis mudar o seu estilo de música para outro caminho. Maria, que instrumento tocas?

Maria Calado: Toco flauta transversal.

Michael Shrieve: Eu estou a fazer um disco com um rapaz que toca flauta e saxofone agora. E eu estou a trabalhar com um percussionista que encontrei no Instagram e ele vive na Alemanha e isto é super interessante e tu consegues encontrar diferentes tipos de música ... eu nunca o conheci pessoalmente, mas ele publica a percussão que ele toca todos os dias e isso é só bonito, então eu contratei-o. Estou a trabalhar em discos neste momento e eles são os dois super importantes para mim, então eu coloquei percussão neles.

4. Constança Pereira: Which of your own concerts would you like to relive?

Michael Shrieve: Wow, well, since Woodstock went by so quickly and I've heard so much about it since then... it might be good to go back and take it in, now that I have the wisdom of what's happening... So, that was kind of a surreal moment at Woodstock. So, it's almost like you hear so much about it, but it's almost like a dream... like you don't really remember it.

Uau, bem, visto que Woodstock passou muito rapidamente e eu já ouvi falar muito sobre isso desde essa altura ... poderia ser bom voltar atrás e experienciar, agora que eu tenho a sabedoria do que está a acontecer. Por isso, foi tipo um momento surreal no Woodstock. Por isso, é quase como ouvir falar muito sobre isso, mas é quase como um sonho ... tu não te lembras bem.

5. Javier Rodriguez: How close were you to Jimi Hendrix when he performed at Woodstock? Do you have any memories you would like to share about that?

Michael Shrieve: No, I wasn't there for Jimi Hendrix's thing. He was like at six in the morning or something. I mean, what he did was incredible, but the time he played, it was as if everybody was on the floor sleeping, you know? So, everybody was exhausted, we played in the afternoon of the day before and Hendrix was the last one because his manager insisted that he be the headliner which meant he played at the worst time to play. I've never met Jimi Hendrix. I never met him. All the other guys in the band met him. One of his producers said that he wanted to be in a band with me... I heard. He actually wanted to join Santana at some point. He liked the band and I remember he got a congas

player for Woodstock, but I never met Hendrix. I've really met most of my other people that I really admire, but I never met Jimi Hendrix.

Javier Rodriguez: Quão perto estava do Jimi Hendrix quando ele tocou em Woodstock? Tem alguma memória que gostaria partilhar connosco?

Michael Shrieve: Não, eu não estava lá pelo Jimi Hendrix. A sua atuação foi por volta das 6 da manhã. O que ele fez foi incrível, mas as horas em que ele tocou, era como se toda a gente estivesse no chão a dormir. Então, toda a gente estava cansada. Nós tocámos na tarde do dia anterior e o Hendrix foi o último porque o seu manager insistiu que fosse artista principal o que significa que ele participou no pior tempo possível. Eu nunca conheci o Jimi Hendrix. Eu nunca o conheci, mas o resto dos membros da banda, sim. Um dos seus produtores disse que ele o queria na banda comigo... eu ouvi. De facto ele queria se juntar com Santana em algum ponto. Ele gostava da banda e eu recordeo que ele recrutou um percussionista para Woodstock, mas nunca conheci Hendrix. Na verdade, eu conheci muitas outras pessoas que eu realmente admiro, mas nunca conheci o Jimi Hendrix.

6. Maria Calado: Could you please tell me about your musical education? Do you believe going to a conservatory is a good start for an aspiring musician?

Michael Shrieve: Yes, I think so. I went to two years of college and studied music and I think it's great to learn as much as you possibly can and you have to think what you want to do with the music that you're learning. If you want to play in an orchestra or if you want to go out on your own... things like that. As a musician there are different ways that you can go. Which ways are you thinking of going Maria?

Maria Calado: I currently play in an orchestra, but I enjoy doing solos more.

Michael Shrieve: Do you like to play jazz as well?

Maria Calado: Yes.

Michael Shrieve: Well, continue the classical stuff, because it's so great for technique and I would try to play with other people and I would try to learn to improvise a little bit, because that's a whole 'nother world from the conservatory world. Most musicians who play in the classical world generally don't have the ability to improvise which is very much a jazz thing. Who are some of your favorite flute players Maria?

Maria Calado: Well, in Portugal, there really aren't any flute players I can look up to. I just play what I'm given to play ... my sheet music. Who should I listen to?

Michael Shrieve: Flute players? Well, somebody like Herbie Mann, who's a jazz flute player from the 70s. I know there are others, but there's not a whole lot of flute in jazz. You could see the British rock band Jethro Tull, but Herbie Mann had a lot of hits. This guy I'm working with plays bass flute a lot too.

Maria Calado: Pode falar-me sobre a tua educação na música? Acreditas que frequentar um conservatório é um bom início para a música?

Michael Shrieve: Sim acho eu. Eu fui para uma escola de música durante dois anos e foi bom para aprender Se tu quiseres tocar numa orquestra ou se quiseres ir para outro sítio... qualquer coisa assim. Como um músico em diferentes áreas em que podes ir. Para que área achas que deves ir, Maria?

Maria Calado: Eu toco numa orquestra, mas gosto mais de tocar a solo.

Michael Shrieve: Gostas de tocar música jazz também.

Maria Calado: Sim.

Michael Shrieve: Bem, continua com a clássica, porque é muito bom em termos de técnica e tentar tocar com outras pessoas e tentar improvisar um pouco, porque é a maioria das músicas que tocam música clássica geralmente não tem jeito para a improvisação que é uma coisa mais de quem toca jazz. Quem são os teus flautistas preferidas, Maria?

Maria Calado: Bem, em Portugal, não há grandes flautistas que eu conheço. Apenas toco o que me pedem que toque ... a minhas partituras. Quem recomenda que oiça?

Michael Shrieve: Flautistas? Bem, alguns como Herbie Mann, que é um flautista de jazz dos anos 70. Eu sei que há outros, mas não existem muitos flautistas de jazz. Podias ver a banda de rock britânica, Jethro Tull, mas Herbie Mann tinha muitos sucessos. Este rapaz com quem estou a trabalhar também toca muito flauta baixo.

7. Javier Rodriguez: The music industry is known to be savage... when you have had hard times, what motivated you to keep going?

Michael Shrieve: Well, I love what I do sitting here making music. I don't tour so much anymore although I was supposed to be in Europe last year, in fact starting in Lisbon, but I had to cancel that. I see myself as an artist and I don't consider myself a rock and roll drummer. I listen to a lot of different kinds of music, so when I'm having a hard time, I really enjoy the process of making and trying to get something started. I have a lot of tools here... a lot of electronic stuff that I use. So, everybody goes through having a hard time at some point and you have to be able to reach for something to motivate you... some people take to prayer, some people just dig down deep inside themselves to find the answer and to find the direction to go in and that's something we have to learn anyway in life ... to be in touch with ourselves and do a self-analysis to see what the next move is and where to go next... try to think as if you're a wise older person. For me, I always take to my music.

Javier Rodriguez: A indústria de música é conhecida por ser selvagem... quando passou por momentos difíceis, qual foi a tua motivação para continuar?

Michael Shrieve: Bem, eu adoro o que estou a fazer sentado aqui fazendo música. Eu já não estou a fazer muitos tours, apesar que eu supostamente tinha a ter estado na Europa o ano passado, de facto era para começar em Lisboa, mas eu tive de cancelar. Eu me vejo a mim próprio como um artista, não como um baterista de Rock N Roll. Eu ouvi a muitos diferentes tipos de músicos, então quando eu estou a passar um mal momento, eu realmente desfruto o processo de fazer e tentar de iniciar alguma coisa.

Eu tenho muitas ferramentas aqui... muitas coisas eletrônicas que eu uso. Então, toda a gente passa através de maus momentos em algum ponto e tu tens que ser capaz de reagir com alguma motivação própria... algumas pessoas oram, outras pessoas procuram dentro deles próprios alguma resposta para achar a direção e isso é algo que todos devemos aprender na vida... para manter contacto com os próprios e fazer um auto-análise qual vai ser o nosso próximo movimento e onde nos vamos depois... tenta pensar como fosse uma pessoa velha. Para mim é sempre pegar na minha música.

8. Javier Rodriguez: Do you have any advice for the young writers here and our readers? Any advice on life in general?

Michael Shrieve: Well, enjoy it for one thing. Enjoy it. Also, really think about what excites you; what gets you excited to wake up in the morning and try to pursue those things that really excite you because you're going to need that later. You're going to need to be excited about what you're doing in order to keep doing it. The life I've chosen is different... it's more like the life chose me at a very young age, but sometimes it's hard because I had success when I was very young, more like your age practically... when I had my biggest success and so what's more difficult is how do you live the rest of your life when it's not always like that. For a lot of people in music, rock and roll especially, that becomes a very difficult thing and they expect it to always be like it was back in the day or something... that they'll always be famous or people will care about them or something and then when you get older and find that they don't really care... you're pretty much on your own. So, for myself, it's been okay once I just let that Woodstock thing go... I just said, "Stop being upset about it and just be grateful that somebody likes what you did and just go ahead and do whatever you want. So, in some ways it sets you free, because I'm not trying to be famous or anything like that. I'm just trying to keep making music and enjoying my life. I don't have a high level of ambition for fame. I just like to learn new stuff like software. Software is good for me to learn, because when you're older it's harder to learn software and stuff like that, but I need to make music as I get older, so I have a good time learning all kinds of different software to make more music.

8. Javier Rodriguez: Você tem algum conselho para os nossos jovens escritores e leitores? Algum conselho da vida em geral?

Michael Shrieve: Bem, desfruta por alguma coisa. Desfruta! Também, pensa em aquilo que tu mais gostas; o que te faz levantar todos os dias de manhã e tenta perseguir estas coisas que realmente te apaixonam porque tu vais precisar isto mais tarde. Tu vais precisar ter essa emoção para continuar a fazer aquilo que tu estás a fazer. A vida que eu escolhi é diferente... é mais como esta vida me escolheu quando eu era muito jovem, mas algumas vezes é difícil porque eu tive sucesso quando eu era muito jovem, mais ou menos quando eu tinha a tua idade quando eu tive o meu maior sucesso e então o que difícil é como viver o resto da tua vida quando não é sempre assim. Para muitas pessoas na música, especialmente no rock and roll, isso torna-se numa coisa complicada e eles esperam que sempre seja como foi no passado ou algo assim... eles pensam que sempre serão famosos e que as pessoas vão se preocupar por eles, então tornar-se mais velhos e descobrem que ninguém se importa por eles... tu estás basicamente pela tua conta. Então para mim próprio, tem sido bem depois de passar a emoção do Woodstock. Eu só disse, "Deixem-me de chatear com isso e simplesmente sejam gratos que alguma pessoa gostou daquilo que fizeste e continua a fazer o que quiseres. Então, em alguma maneira isto me faz livre, porque eu não estou a tentar ser famoso ou alguma coisa semelhante. Eu só estou a tentar

continuar a fazer musica e desfrutar a minha vida. Eu não tenho um alto nível de ambição pela fama. Eu so gosto de aprender novas coisas como software. Software é uma coisa boa para eu aprender, porque quando tu fazes velho é complicado aprender coisas como esta, mas eu preciso fazer musica na medida que eu envelheça, então eu tenho um bom tempo a aprender todo tipo de coisas diferentes em relação do software para fazer mais musica.

9. Maria Calado: What does "success" mean to you?

Michael Shrieve: Well, success, I'll tell you means access to people, but success can be as they say fleeting, you know, here and gone and so it's just what I was talking about. You can't expect that you'll be the big man all the time. If anything, success is good because I just want to do good work. I think success is going to come again for me later, because if you stick it out long enough, people will say, "Wow, he's still doing it." But I've had that kind of success that you can have as a young person and it's great and I'm glad I survived it and I'm glad I'm still being creative and be able to talk to people like you guys.

Maria Calado: O que sucesso significa para ti?

Michael Shrieve: Bem, sucesso, vou dizer-te, significa proximidade com as pessoas, mas sucesso pode ser temporário, entendes, vai e vem e é simplesmente o que eu estava a dizer anteriormente. Não podes achar que serás um grande homem a tempo inteiro. Sucesso é bom porque gera bom trabalho. Eu penso que sucesso irá voltar para mim, porque se permaneces tempo suficiente, as pessoas vão dizer, "Wow, ele continua a fazê-lo!" Mas eu tive um tipo de sucesso que podes ter enquanto jovem e é ótimo, estou contente por ter sobrevivido e continuar criativo e capaz de falar para vocês.

10. Yuri Sundermeyer: What was the biggest tour you took part in?

Michael Shrieve: I can tell you the longest tour which was over three hundred days one year we toured. Somebody made a mistake on back taxes and we practically had to do a whole year of touring just to pay back taxes. That was really frustrating. Tours are funny. I mean, once you're out there on the road, you're just sort of stay out there. You live, kind of, in your own world. Some artists prefer to be more on tour than at home, because it's a certain lifestyle and at home you got to take care of other stuff. I would say that tour which we were on in 1970 was the longest tour, so for that reason, it was memorable.

Yuri Sundermeyer: Qual foi a melhor tour em que já participou-te?

Michael Shrieve: Eu posso dizer-te que o meu maior tour durou mais de 300 dias num só ano. Alguém cometeu um erro com os nossos impostos e nós tivemos de fazer uma tour de praticamente um ano inteiro apenas para os pagar. Isso foi mesmo frustrante. As tours sao estranhos. Que dizer, uma vez que estás por aí no tour, tu és apenas um tipo que está sempre a viajar. Tu vives no teu proprio mundo. Alguns artistas preferam estar numa tour do que em casa, porque é um certo estilo de vida e em casa tu

tens de tomar conta de outras coisas. Eu ia dizer que o tour em que nós estávamos em 1970 foi a maior tour, então, por esse razão, foi memorável.

Yuri Sundermeyer: Have you toured every state in the USA?

Michael Shrieve: Yes, I believe I have. Yes.

Yuri Sundermeyer: Is there some place you haven't toured that you would like to play?

Michael Shrieve: Oh sure, there's destinations around the world, but I've played most of them. I would like to go back to some places. I would like to go back ... I was really looking forward to playing in Portugal last year, but I had to cancel. I was considering moving to Portugal. Portugal, Spain... we went to Africa one time a long time ago. That was really great.

Yuri Sundermeyer: Voce já fizeste tours em todos os estados dos EUA?

Michael Shrieve: Sim, eu acredito que sim.

Yuri Sundermeyer: Tem algum sitio que nunca tocaste, mas gostarias de tocar?

Michael Shrieve: Sim, com certeza, existem sítios à volta do mundo, mas eu toquei na maioria deles. Eu gostaria de voltar para alguns desses sítios. Eu gostaria de voltar... eu estava mesmo a planear em tocar em Portugal no ano passado, mas foi cancelado. Eu estava a pensar mudar-me para Portugal. Portugal, Espanha ... nós fomos para Africa uma vez à muito tempo atrás. Isso foi muito bom.

11. Constança Pereira: What was the hardest lesson you learned growing up?

Michael Shrieve: Well, the hardest lesson is to probably, you know, you get whatever you put into something, but however much work you do in something is exactly what you're going to get out of it and it's worth it and if you feel like you have a desire to do something, then really do it, do it hard, do it all the way and don't doubt yourself. That's been a hard lesson to learn... don't doubt yourself... believe in yourself.

Bem, a lição mais difícil é provavelmente, tu colhes o que tu plantas, por muito trabalho que tu fazes em alguma coisa é exatamente o que tu vais receber e vale a pena e tu sentes que tens um desejo para algo, então faz isso realmente, trabalha arduamente, faz até o fim. Esta foi a lição mais difícil que eu aprendi... não duvides de ti... acredita em ti.

12. Constança Pereira: What was the easiest song you ever composed?

Michael Shrieve: Well, there's a song that we did in a group called Abraxas Pool. It's called *Boom Ba Ya Ya*. It's not a simple song, but the whole idea came to me really quickly. *Boom Ba Ya Ya*. It's the title of it. Abraxas Pool is most of the original Santana guys, but not Carlos and I just had this vision of a big, heavy drum song and heavy guitar. If you don't have that one, you should check it out, because I envisioned a group of people being on a beach and they were visited by a group of angels that came down from the sky and so the song builds up and the angels say, "we're going to give you words of wisdom that you'll always need in your life," and so what they say is Boom Ba Ya Ya, which doesn't mean anything, but it sounds really good. That just came to me... I pictured them being greeted by angels almost like Moses and the Ten Commandments.

Constança Pereira: Qual foi a música mais fácil que você já compôs-te?

Michael Shrieve: Bem, há uma música que nós fizemos num grupo chamado Abraxas Pool. É chamada de *Boom Ba Ya Ya*. Não é uma música simples, mas a ideia toda veio até mim muito rápido. *Boom Ba Ya Ya* é o título disso. Abraxas Pool é a maioria dos membros originais de Santana, mas sem Carlos e eu simplesmente tinha esta visão de um canção com bateria pesado e guitarra forte. Se você não tem aquele, você deveria ouvi-o. Eu imaginei um grupo de pessoas numa praia e eles estavam visitado pelo um grupo de anjos que descia de céu e então o canção aumenta e os anjos falam, "Nós vamos dar-te palavras de sabedoria que você sempre vão precisar na suas vidas," e então o que eles dizem é "Boom Ba Ya Ya", que não quer dizer nada, mas soa bem. Isso simplesmente veio a mim... eu imaginei eles sendo cumprimentado pelo anjos parecido um tipo Moses e os Dez Mandamentos.

13. Constança Pereira: Do you have much contact with people our age (teenagers)?

Michael Shrieve: Well, I have in the past, because I used to teach a lot, so I would be around teenagers a lot and I have two boys who are no longer teenagers, but they keep me tuned in to music and stuff like that. I have a son who graduated from Berklee School of Music in Boston and he is a professional songwriter and producer in Los Angeles. But I try to stay in touch. I don't go out a lot. I used to go out a lot and go listen to music all the time, even when I had kids and stuff, but I don't do that so much anymore. I think once the Covid thing happened and everybody stayed home... I think I kept staying home.

What was your best memory of being a teenager?

A couple of things, but just being able to go up to the Fillmore Auditorium, which is a place with a lot of music. Have you heard of the Fillmore Auditorium? It's in San Francisco where all the groups played... all the groups from England, just all the groups, so probably memories of just going up there when I was young and going into those concerts. That was pretty awesome.

Constança Pereira: Você têm muito contacto com pessoas de nossa idade (adolescentes)?

Michael Shrieve: Bem, no passado tinha, porque eu usara para ensinar muito, então eu seria passar muito tempo com adolescentes e eu tenho dois filhos que não são mais adolescentes, mas eles me

mantem conectado com a música e coisas assim. Eu tenho um filho que está se lecionando de Berklee School of Music em Boston e ele é um compositor profissional e um produtor em Los Angeles. Mas eu tento ficar atualizado com cultura popular. Eu não saio muito. Eu costumavo sair bastante e sair escutando música á todo tempo, mesmo quando eu tinha crianças e responsabilidades assim, mas agora eu não faço muito mais isso. Eu acho quando apareceu o Covid, coisas aconteceram e todo mundo ficou em casa... eu acho que eu continuo ficar em casa.

Constança Pereira: Qual foi a sua melhor memoria quando era adolescente?

Michael Shrieve: A muita coisa, mas simplesmente ser capaz ir ao Fillmore Auditorium, que é um sitio com muita música. Já ouviu sobre Fillmore Auditorium? É em São Francisco onde todos os grupos tocam, todos os grupos da Inglaterra, só todos os grupos, então provavelmente memorias que são ficar desde quando eu ear um jovem e ia para alguns desses concertos. Isso é muito bom.

14. Maria Calado: Were there any musicians who mentored you and have you ever mentored anyone who became famous?

Michael Shrieve: I was mentored by some wonderful musicians and drummers. I feel like I was very fortunate on that end. People were always willing to help me out. I think it's because they saw how enthusiastic I was about learning and music and how I was respectful to those people and I also looked younger that I was. I looked fifteen years old when I was nineteen or twenty. Yes, I've also mentored people. One drummer I taught now plays with and does Taylor Swift recordings. There are several other people too who have gone on to do well, but they're not household names.

Maria Calado: Houve algum músico que o orientou e já orientou alguém que se tornou famoso?

Michael Shrieve: Fui orientado por alguns músicos e bateristas maravilhosas. Sinto que tive muita sorte nesse sentido. As pessoas estavam sempre dispostas a ajudar. Acho que é porque eles viram que eu estava entusiasmado com o aprendizado e a música e como tinha respeito com essas pessoas e também parecia mais jovem do que eu era. Parecia que tinha 15 quando tinha 19 ou 20. Sim, eu também orientei pessoas. Um baterista que ensinei agora toca e faz gravações de Taylor Swift. Há varias pessoas que se saíram bem, mas não são conhecidos.

15. Constança Pereira: During your career, who have you viewed as your best friend?

Michael Shrieve: Probably Carlos Santana. We were very close during all those Santana years. We both loved listening to tons of music... a lot of music. When we were on the road people would come to the hotel or backstage looking for the party... come in asking, "Where's the party?" And we'd always just be listening to music. If they were hanging out with us, they'd get bored and go to where there was more action. Carlos and I shared so much music together, so I think in many ways he's probably the guy.

Constança Pereira: Durante a sua carreira, quem viste como melhor amigo?

Michael Shrieve: Provavelmente Carlos Santana. Fomos muito próximos durante todos esses anos dele. Nós os dois adoramos ouvir toneladas de músicas. Quando estávamos no tour, as pessoas viriam ao hotel ou aos bastidores procurando a festa... entrem a perguntando, “Onde é a festa?” E nós sempre estivéssemos apenas ouvindo música. Se eles estivessem a sair conosco, ficariam aborrecidos e iriam para onde havia mais ação. Eu e o Carlos compartilhámos muitas músicas juntos, então acho que, de muitas maneiras, provavelmente ele é a pessoa.

16. Yuri Sundermeyer: We have been listening to your instrumental music. We like it. For us, it is chill music. Are you okay with us calling it that?

Michael Shrieve: I love chill music. Let’s see. I think depending on what you’re listening to... I mean *Spellbinder*... there’s some pieces that are pretty upbeat. There are a lot of pretty pieces on there too. I’m a big fan of pretty music. You’re talking about *Trilon*. Is that the other record you’re talking about. The black and white one. Well, there’s some chill music on it. I don’t mind chill music. I have a record coming out called *Drums of Compassion* and the whole idea of it was to be chill music made by a drummer. What music would I like to listen to at two o’clock in the morning? And it’s a drum record and so I’m big into chill and meditating and all that kind of stuff.

Yuri Sundermeyer: Nós estivemos a ouvir a sua música instrumental. Nós gostamos. Para nós, é uma música relaxante. Você está bem se chamamos a sua música assim – “chill music”?

Michael Shrieve: Eu adoro musica relaxante. Eu penso depende o que você andar ouvindo. Quero dizer *Spellbinder*... há muitas peças bonitas também lá. Eu sou um grande fã de música bonita. Estás a falar sobre *Trilon*. Esse é o outro disco de que estás a falar. O preto e branco. Bem, há alguma música relaxante nele. Eu estou bem com música chill. Eu tenho um disco a sair chamada *Drums of Compassion* e toda a ideia dele era ser música chill feita por um baterista. Que música eu gostaria de ouvir às 2 da manhã? É um disco de bateria então gosto muito de relaxar e meditar e tudo isto.

17. Yuri Sundermeyer: What should I be doing at ten years old that would help be have an accomplished career like yours?

Michael Shrieve: Well, do you play an instrument? What I did was I would practice for eight hours a day. I would practice for as long as my parents were at work until I had to go to school ... like in college. I’d start practicing about eight in the morning and I was really disciplined about it, but as friends would tell me, those who knew me, they’d never be able to get me to go out and play, because I’d be practicing. They thought it was weird, so... I don’t know... I’d say, have a good time, but work hard... work hard. Nothing comes without some really hard work and I think that people are too lazy now. They’re always on social media or their computers or phones. You know about that. You all do, but I am like that too, but just work hard. Put your mind to working if you have a desire for something.

18. Javier Rodriguez: We have listened to some music by Shawn Smith and you performed with him. We learned Mr. Smith passed away. What are your memories of him?

Michael Shrieve: Oh, Shawn was one of my best friends. He was a big guy. Big guy... long hair, but the sweetest guy and he used to stay at my house all the time. He'd just come and sleep on the couch. It's odd, because the music that he wrote was so soulful and he sang so soulful, like an R&B guy or something, right? But he was a huge Kiss fan when he grew up. Do you know the band Kiss? One of the guys in Kiss was coming to play in Seattle, here where I live, and I had told Shawn that if these guys ever came through town, I'd introduce you because when I was living in New York, I got to know a couple of the guys in Kiss and so I took him to the concert and afterwards I introduced him to Paul Stanley, the singer in Kiss and he was really thrilled by that. He's the sweetest guy ... just the sweetest man and if somebody has to pass away, it seems just perfectly appropriate that he died in his sleep, you know? Because he was such a peaceful guy too. I have a son in his early twenties like you and he grew up on hip-hop and rappers, but then he got into classic rock for the 70s and he got into Pink Floyd big time and so the drummer in Pink Floyd was coming to play in Seattle with his band and I brought him down. I was able to go backstage. It helps being a bit famous, because you can get backstage and stuff like that and I had never met the drummer of Pink Floyd before, but he was a really nice guy and so we were hanging out backstage and my son and I are on the street getting an Uber and I asked, "How'd you enjoy that?" He said, "Yeah, he's a really nice guy that drummer." And I asked, "How'd you like meeting Eddie Vedder?" My son didn't realize Eddie Vedder was backstage and he got great shots with Eddie Vedder and stuff like that, but yeah, I know those guys Matt Cameron who's the drummer in Pearl Jam and Soundgarden and he's a good friend. Seattle is a small town and after a while you see these people. Duff McKagan... all these bands: Soundgarden, Pearl Jam and Alice In Chains. Sky Cries Mary is a Seattle band and I knew the keyboard player. They were an interesting band. They never really broke through, but they were really interesting. There's a lot of bands around that time. I moved here just when that stuff was happening. I hitchhiked to Monterey Pop Festival. I played at Woodstock. I played at Altamont. I lived in New York in the 80s. That's when hip-hop was growing fast and then I came to Seattle when grunge was starting.

Javier Rodriguez: Nos ja escutamos alguma musica do Shawn Smith e tu tocavas com ele. Nós aprendemos que o Shawn Smith faleceu. Quais são as suas memorias de Shawn Smith?

Michael Shrieve: Oh, Shawn era um dos meus melhores amigos. Ele foi um grande homem. Um grande homem... cabelo comprido, mas o homem mais doce e ele costumava ficar sempre na minha casa. Ele costumava dormir no sofá. É estranho, porque a música que ele escreveu era muito sentimental, ele cantava de uma forma sentimental como um cantor de R&B, mas ele era um grande adepto do Kiss. Tu conheces a banda Kiss? Um membro do Kiss estava vindo a tocar aqui onde eu vivo. Eu tinha dito ao Shawn que se estes homens do Kiss passaram na nossa cidade eu ia apresentar ao Shawn porque quando eu estava em Nova Iorque eu conseguia conhecer alguns membros do Kiss, e então eu levou-o ao concerto e depois apresentar ele ao Paul Stanley, que é o cantor do Kiss e ele estava muito feliz com isso. Ele é a pessoa mais simpática... só o homem mais simpático, e se alguém tem de morrer, parece-me perfeitamente apropriado que ele tenha morrido durante o sono, entendes? Ele era também uma pessoa pacífica. Eu tenho um filho que está nos seus vinte anos tal como tu e ele cresceu com hip hop e rappers, mas depois começou a gostar de rock clássico dos anos 70 e começou a ouvir Pink Floyd durante muito tempo, e então o baterista dos Pink Floyd vinha tocar em Seattle com a sua banda e eu trouxe-o para baixo. Eu estava capaz de ir para os bastidores. Ajuda sermos um pouco famosos, porque conseguir ir aos bastidores e coisas do género e eu nunca tinha conhecido o baterista dos Pink Floyd antes, mas ele era mesmo uma boa pessoa, e então nós estávamos juntos nos bastidores e eu e o meu filho estamos na rua a pedir um Uber e eu perguntei, "O que achaste disto?" e ele respondeu, "Sim, aquele baterista é mesmo boa pessoa," e eu perguntei-

Ihe, “O que achaste do Eddie Vedder?” O meu filho não percebeu que o Eddie Vedder estava nos bastidores e ele divertiu-se com o Eddie Vedder, mas sim, eu conheço esse tipos como Matt Cameron que é o baterista nos Pearl Jam e Soundgarden e ele é um bom amigo. Seattle é uma cidade pequena e depois de um tempo vês estas pessoas. Duff McKagan... todas estas bandas: Soundgarden, Pearl Jam e Alice in Chains. Sky Cries Mary é uma banda de Seattle e eu conhecia o baixista. Eles eram uma banda interessante. Eles realmente romperam, mas eram muito interessantes. Há muitas bandas dessa altura. Eu mudei-me para cá na altura em que essas coisas estavam a acontecer. Eu pedi boleia para o Monterey Pop Festival. Eu toquei em Woodstock. Toquei em Altamont. Eu vivi em Nova Iorque nos anos 80. Foi quando o hip hop estava a crescer rápido e depois vim para Seattle quando o Grunge começou

19. Constança Pereira: Is there anything we missed? Anything you would like to mention concerning yourself or your music before we end?

Michael Shrieve: I am constantly putting put music on Bandcamp, because a lot of what I put out on Bandcamp are my solo albums and I’m going through a whole wall of old cassettes and CDs. Those gold records you see are of me playing on Rolling Stones records. You can see that one is of Mick Jagger’s solo album, *She’s The Boss*, which I played on a track and it had Jeff Beck, Pete Townsend, Herbie Hancock and myself and Mick. These others are *Emotional Rescue* and *Tattoo You*. I just played some percussion, because I happened to be there. I’m always putting music out there. Music that’s never been put out before, like stuff that I did live many years ago and I never thought it was good enough to put out, but now I’m like, I’m going to put it out... it sounds really good. As I get older, I don’t hold on so tight. It doesn’t have to be so precious. It doesn’t have to be perfect. Bandcamp is the place. I don’t have Santana there, but I have everything else there. Also, *Transfer Station Blue* will be rereleased with new artwork and some new music and photos and stuff like that, so we’re working on that now. And I’ve got newer stuff coming up.

Constança Pereira: Há alguma coisa que nós esquecemos? Há alguma coisa que gostarias de mencionar sobre ti próprio ou sobre a tua música antes de terminamos?

Michael Shrieve: Eu estou constantemente a por musica no Bandcamp, porque a maior parte do que eu ponho no Bandcamp são os meus próprios discos a solo e eu estou a rever uma parede toda cheia de cassetes velhas e CDs. Estes discos de ouro que te vês são da época que eu toque-no discos do Rolling Stones. Tu podes ver que este é do disco de Mick Jagger chamado *She’s The Boss*, na qual eu toquei numa musica e a musica tinha Jeff Beck, Pete Townsend, Herbie Hancock e eu mesmo e Mick. Estes outros discos são *Emotional Rescue* e *Tattoo You*. Eu só toquei percussão, porque por acaso eu estava lá. Eu estou sempre a lançar música para o publico. Música que nunca foi lançada antes, como música que eu toquei ao vivo há muitos anos atrás e eu nunca pensei que eram boas o suficiente para lançar, mas agora eu estou tipo, eu vou lançar ... esta soa muito bem. Enquanto eu envelheço, não me agarro tanto às coisas. Não tem que ser precioso. Não tem que ser perfeito. Bandcamp é o sitio. Eu não tenho o Santana lá, mas eu tenho todas as outras coisas lá. Também, o disco *Transfer Station Blue* vai ser relançado com uma nova capa e algumas novas musicas e fotos e coisas assim, então nós estamos a trabalhar para isso. E iremos ter coisas novas por vir.